

ARQUEOLOGIA

ONDE OS BARRIS SÃO SEPULCROS ROMANOS!

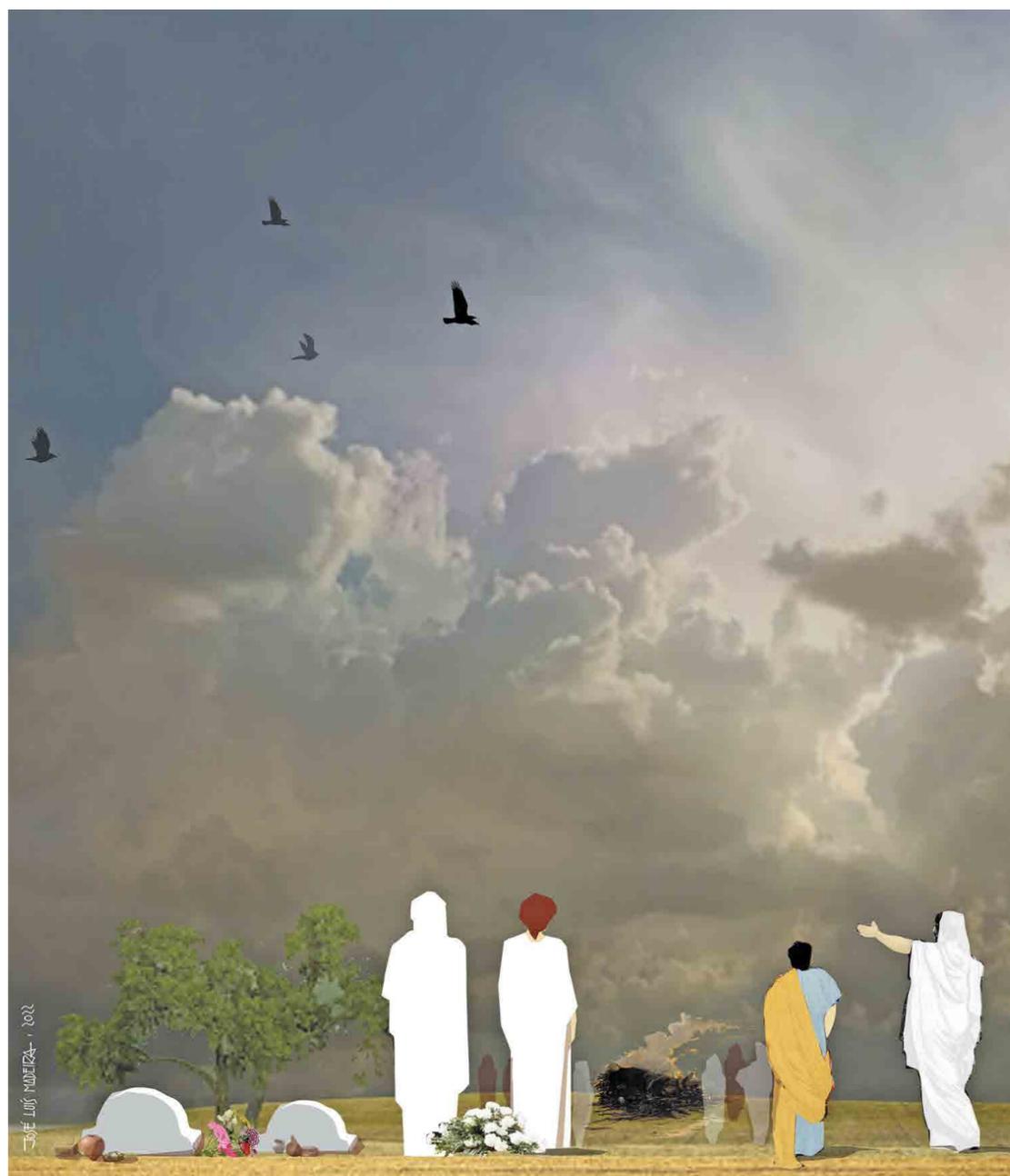
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, ARQUEÓLOGO

Noticiou “O Bejense”, na sua edição de 14 de Outubro de 1893 (nº 1710), que a Câmara fizera «recolher no seu museu uma memória sepulcral em forma de pipa» com uma inscrição, que transcreve. Dois anos depois, nas páginas 265-226 do volume I, datado de 1895, da revista “O Archeologo Portuguez”, a revista que ele criara como órgão do museu que é hoje o Museu Nacional de Arqueologia, José Leite de Vasconcelos dava miúda conta desse achamento no Campo d’Oliva, «hoje jardim público, em Beja». Tratava-se de «uma sepultura rectangular, de paredes de tijolo», na espessura das quais «havia pequenas cavidades em que se encontraram vários objectos»: «uma bonita lucerna de barro, com a figura de um quadrúpede no disco», «a valva de um pécten», «fragmentos de vaso, ou vasos, de vidro decomposto, restando ainda parte de um gargalo, com 0,045 m de diâmetro». Ainda na parede, carvão; «no centro da sepultura, estavam ossos queimados».

Adianta: «Sobre a sepultura havia uma pedra de calcário cristalino, com uma inscrição funerária (hoje no Museu de Beja). E que «a pedra, como é frequente no Sul, tem a forma de pipa».

A terminar, Leite de Vasconcelos explica como se processara a cerimónia: «O cadáver de *Clarilla* tinha sido queimado na fogueira fúnebre, depois do que se recolheram religiosamente no sepulcro os restos incinerados. À fogueira chamavam os Romanos *rogus*; a pilha de lenha, antes de arder, tinha o nome de *pyra*. A acção de recolher as cinzas e ossos queimados denominava-se *ossilegium*».

A INSCRIÇÃO Vejamos, então, em primeiro lugar, o que diz a inscrição. O estudo de Leite de Vasconcelos fez com que o monumento entrasse de imediato no circuito científico internacional. A sua inscrição, que foi o que mais despertou a



atenção, vem transcrita, por exemplo, no nº VIII, da revista “Ephemeris Epigraphica”, publicada em Berlim no ano de 1899 e consta, hoje, das bases de dados epigráficos romanos. Escrita em latim, como é hábito, poderá traduzir-se desta forma:

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Coceia Clarila. Viveu 80 anos.

Pompeu (?) [ou Pompeia?] Comum pôs o monumento à digna de todo o merecimento. A fórmula inicial acentua o carácter sagrado, inviolável, do sepulcro: está consagrado às divindades que acompanham ao Além o espírito do defunto e, por isso, quem o violar incorrerá no castigo divino. A princípio,

como sempre acontece, havia respeito pelos mortos e não era preciso acenar com penas, mesmo que divina fossem. A partir de meados do século I da nossa era – no caso da Lusitânia romana – tornou-se necessário indicar, em siglas, essa consagração, porque os furtos começaram. Recorde-se que, de facto, o sepulcro detém em si toda uma carga simbólica. O jornal “Expresso” mostrou, na edição de 22.12.1990 (p. 10 da revista), a destruição de sepulturas no cemitério judeu de Carpentras, localidade onde existe a mais antiga sinagoga francesa, acto significativo de ódio antissemita. Vem depois a identificação da defunta: pertence à família

dos Coceios e tem um nome, Clarila, nada frequente na epigrafia do mundo romano, pois, até ao momento, só se encontraram mais 5 testemunhos do seu uso. Também o nome da família, que foi o do imperador romano Nerva, não é corrente: cerca de uma dezena de exemplos na Lusitânia; encontrou-se o sepulcro de uma outra Coceia, Victoria de seu nome, no castelo de Beja e um dos devotos da divindade Endovélico, no seu santuário de Terena, é um cavaleiro romano, Sexto Coceio Cratero Honorino. Tudo isto para dizer que, mui provavelmente, Clarila tem ascendência itálica; a família poderá ter integrado os primeiros

colonos da cidade.

Assinale-se a provecta idade com que Clarila morreu. É isso: provecta! Não significa que tenham sido mesmo 80 anos. Foram muitos! 2 x 40, dado que 40 era como que um número simbólico também, a indicar a idade perfeita. Era costume romano arredondar a idade em lustros.

O dedicante (ou a dedicante) do monumento identifica-se mediante a sigla do nome de família e com o nome *Communis*, que também é latino e... nada comum! Com efeito, trata-se do único testemunho encontrado na Lusitânia. E a que família terá pertencido? Preferiu não a explicitar, para o que podem encontrar-se duas razões: havia pouco espaço para a mencionar por extenso ou trata-se de família bem conhecida e que, por isso, facilmente seria identificada. Em todo o caso, realce-se não ter havido da sua parte a pretensão de se evidenciar; a importante era... Clarila! E que relação terá havido entre *Communis* e Clarila? Temos sido tentados a ver na sigla M a palavra *Matri*, «à mãe», até porque vem de seguida o adjectivo ‘benemerente’ e afigura-se normal que haja também o substantivo correspondente. Preferimos, porém, desdobrar em ‘monumentum’ e, assim, eventual relacionamento de *Communis* com Clarila fica ainda mais no segredo...

UM BARRIL? Em História da Arte, reconhecemos que um estilo acabou por incorporar pormenores típicos de cada região. Diz-se, por exemplo, que o manuelino é uma modalidade do gótico, assim como o plateresco de Espanha; concorda-se que o românico do Norte de Portugal difere do românico asturiano. E esta alusão aos estilos vem a propósito de esta forma de sepulcro se encontrar em diversas regiões do mundo romano. Chama-se-lhe *cupa*, vocábulo eruditamente trasladado do latim «cupa»,



que significa «barril, tonel». É na zona de *Pax Iulia* que o monumento assume claramente a forma de barril, estando representados os aros que apertavam as aduelas. Na região de Lisboa, optou-se pela estilização, sem qualquer representação de aros; na cidade de Coimbra (a romana *Aeminium*) mais parecem arcas dos tesouros de piratas. Formas diferentes, concorda-se, de apresentar a mesma ideia.

A pergunta surge, por conseguinte, natural e intrigada: «Um barril, porquê?».

Muitas explicações se têm dado; houve reuniões científicas expressamente dedicadas ao tema; monografias a expor detidamente propostas e contrapostas. Este falou que se aludia à bebida (ambrósia, o néctar dos deuses) com que o defunto se iria deliciar; aquele viu aqui um hino à riqueza vinícola do Alentejo, já em tempo de Romanos (não se encontraram grainhas de uva no lagar da *villa* de S. Cucufate, em Vila de Frades?...).

A explicação mais curiosa foi sugerida pelo arqueólogo suíço Waldemar Deonna (1880-1959) num texto publicado em 1946, com o título «Quando Deus rola os seus barris». Para ele,

trata-se de uma homenagem à divindade do panteão gaulês *Sucellus*, «um deus tanoeiro, do vinho ou da cerveja, um deus da fertilidade e dos campos», que desempenhará, igualmente, funções celestes, na medida em que «o barril pode lembrar o trovão, cujo ribombar evoca o barulho provocado pelo tanoeiro, ao dar volta aos seus barris».

E conta Deonna, a este propósito, que, em 1556, quando um raio atingiu a catedral de São Pedro, em Genebra, o povo combateu o incêndio misturando na água uma grande quantidade de vinho, pelo que, conclui, se fica com a ideia de que «a água, de per si, não consegue apagar um incêndio ateado pelo céu!».

Por isso, *Sucellus* – assim representado pelo barril – é «o dono do fogo celeste e também um deus vinhateiro, cuja cólera, manifestada pelo ribombar do trovão, deve ser apaziguada pelo rolar dos barris».

Em 1951, um dos maiores epigrafistas que trabalhou em Portugal, o romeno Scarlat Lambrino (1891-1965) manifestou-se conforme a essa interpretação, inclusive identificando *Sucellus* com a divindade Endovélico, venerada em Terena. E explica assim a cupa de Clarila:

«O túmulo estava, portanto, abaixo do nível do chão, enquanto que o barril, longe de conter os restos mortais da defunta, mais não era do que o signo simbólico do túmulo». Confirma, desta sorte, a hipótese aventada por Deonna: a cupa, símbolo da felicidade eterna, a bebida sagrada que inebriaria o defunto no Além. Quem visita a aldeia de Matmata, na Tunísia, não deixa de ficar surpreendido não apenas por os seus habitantes viverem abaixo do nível do solo mas também por ser abobadada a parte superior (o tecto, dir-se-ia) das suas grutas. Inclusive, o «hotel» segue esse paradigma de tecto em abóbada.

Quem visita o Alentejo profundo e entra na frescura duma das suas casas antigas, não deixa de admirar a lindeza que é o tecto em abobadilha, uma técnica que já poucos sabem arquitectar mas que importa não perder, pelo conforto que empresta à habitação e por se tratar de uma prístina tradição radicada nas condições climáticas próprias da região.

Por consequência, a cupa romana pode não ser mais do que a representação singela da mansão eterna, simbolizando a cobertura em abóbada das casas e deixando o defunto a olhar para a abóbada celeste. Tal como se começou por dizer em relação aos estilos artísticos, também os artífices assumiram as tendências de cada uma das regiões: aqui, a representação realista dum barril; acolá, o baú do tesouro dos piratas; mais além, a estética doçura das linhas suaves que o mármore brando melhor permitia esculpir.

Donde veio este modelo? Das costas mediterrânicas, tanto da africana como do Médio Oriente. Prosperou, por exemplo, em Barcelona. Chegou, pelo Atlântico, à região de Lisboa; chegou a *Pax Iulia*, vindo de Mértola. Lavrada no mármore de Trigaches, a tampa do túmulo de Coceia Clarila é, seguramente, a mais elegante dentre o significativo conjunto das cupas alentejanas. E bendizemos o facto, lamentavelmente fora do comum, de nos haver sido pormenorizadamente transmitido o significativo espólio que na sua sepultura foi encontrado.

FILATELIA

GEADA DE SOUSA



2023 – SELOS LIGADOS A BEJA (I)

No plano de emissões de selos para o próximo ano constam três temas ligados a Beja. São eles: 500 anos da publicação de *Contra os Juízos dos Astrólogos* de Frei António de Beja, 375 anos do início da viagem de exploração São Paulo/Belém pelo bandeirante



Raposo Tavares e os 300 anos da morte de Mariana Alcoforado. Quase quatro dezenas são os motivos das restantes: 9.º Centenário dos Forais do Porto (do tempo do Bispo D. Hugo) e de Viseu (outorgado por D. Teresa) – Maio de 1123; 500 anos da publicação de Gil Vicente, farsa de Inês Pereira; 375 anos da reconquista de Luanda e S. Tomé por Salvador Correia de Sá; 250 anos da transferência da indústria vidreira de Coima para a Marinha Grande; 225 anos da criação da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica (fins culturais e científicos); 175 anos de O Monge de Cister, de Alexandre Herculano; 150 anos da conclusão da linha férrea Évora/Estremoz; 125 anos da Direção Nacional de Estatística; 100 anos da fundação do Instituto Português de Oncologia; 75 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem; Agustina Bessa Luís - 75 anos publicação *Mundo Fechado* (primeiro romance da autora); Maria Ondina Braga - 50 anos publicação *Os Rostos de Janos*; emissão alusiva aos múltiplos acontecimentos que levaram ao 25 de Abril; Eugénio de Andrade - 75 anos da publicação *As Mãos e os Frutos*; Natália Correia - 50 anos publicação *Anjo do Ocidente à entrada de Ferro*; 300 anos da construção da Igreja do Bom Jesus do Monte (Braga); A.H. de Oliveira Marques - 50 anos publicação *A Primeira Legislatura do Estado Novo*; Herberto Helder - 50 anos da publicação de *Poesia Toda*; José Augusto França - 50 anos da publicação *As Conferências de Casino no Parlamento*; 225 anos da criação do Observatório Real da Marinha; 175 anos da Associação Industrial Portuense; 150 anos de Portugal e o Socialismo de Oliveira Martins; 225 anos da Inauguração do serviço regular de Mala-Posta Lisboa/Porto; 225 anos da Mala Posta e do Alvará de Reorganização do Correio Marítimo para o Brasil; 650 anos do Tratado de Westminster (confirmação do Tratado de Tagilde); Exposição *Os cinco Independentes* (pintores) de Dórdio Gomes, Henrique Franco, Alfredo Miguéis, (escultores) Francisco Franco e Diogo de Macedo; Protesto público de Fernando Pessoa, Raúl Brandão, António Sérgio, Jaime Cortesão e Aquilino Ribeiro, pela proibição pela censura da peça *Mar Alto* de António Ferro; 200 anos do exílio do pintor Domingos António de Sequeira; 475 anos da morte de D. João de Castro; 50 anos da morte de Ferreira de Castro; 75 anos da morte de Bento Jesus Caraça; 75 anos da morte de Cottinelli Telmo; 800 anos da morte do Rei D. Afonso II; Ferreira de Castro - 125 anos do nascimento; Guerra Junqueiro - 100 anos da morte; 350 anos da chegada dos primeiros colonos dos Açores ao Pará.

Fonte: Filatelia Design CTT Correios

Ilustrações: Castelo de Beja e D. Manuel I – IV Duque de Beja

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia